

Escopo teórico-metodológico de um Atlas Linguístico Etnográfico da Fronteira Brasil/Paraguai (ALFBP): metodologia e preliminares¹

(Scope of a theoretical-methodological Ethnographic Linguistic Atlas of the border
Brazil / Paraguay (ALFBP): methodology and preliminary study)

Regiane Coelho Pereira Reis¹

¹ Universidade Estadual de Londrina – UEL/CAPES

regiareispereira@yahoo.com.br

Abstract: This paper presents the theoretical and methodological scope which subsidized the project “Linguistic Atlas of the Brazil / Paraguay (ALFBP): the search for inter-influences of languages in contact” and some preliminary research. The study is related to a thesis in progress that aims to describe and map, using lexical and phonetic letters, linguistic and cultural contacts involving three languages: Spanish, Guarani and Portuguese. These three languages are spoken in the towns that divide the territories of Brazil and Paraguay, particularly in the west region of the state of Mato Grosso do Sul. For the design of the database, eighty (80) surveys were conducted on both sides of the regions boundary, within ten (10) locations, five on the Brazilian side and five on the Paraguayan side. The interviews involved eight informants per location who were distributed, into two distinct groups: one with and one without Paraguayan descent.

Keywords: Atlas of languages; The Brazil / Paraguay borderland; languages in contact.

Resumo: Este artigo apresenta o escopo teórico-metodológico que subsidiou o Projeto “Atlas Linguístico da fronteira Brasil/Paraguai (ALFBP): em busca das interinfluências das línguas em contato” e algumas preliminares que apontam o andamento da pesquisa. O estudo configura-se como tese em andamento que objetiva descrever e mapear, por meio de cartas lexicais e fonéticas, os contatos linguísticoculturais que envolvem três idiomas: o espanhol, o guarani e o português. Essas três línguas são faladas nas localidades que dividem os territórios brasileiro e paraguaio, particularmente no lado oeste da região do Estado de Mato Grosso do Sul. Para compor o banco de dados do projeto foram aplicados 80 inquéritos nos dois lados das regiões de fronteira, em 10 localidades, cinco do lado brasileiro e cinco do lado paraguaio. As entrevistas envolveram oito informantes por ponto, em dois grupos distintos: um com ascendência paraguaia e outro, sem.

Palavras-chave: Atlas linguístico; Fronteira Brasil/Paraguai; línguas em contato.

Introdução

Dentre as ciências humanas, a história da civilização registra o desenvolvimento de uma delas em particular, a Linguística. O seu advento e a sua evolução emergiram da contínua preocupação do homem com os mecanismos que promovem o funcionamento de sua própria linguagem.

Os estudos da linguagem, independente da vertente escolhida, compõem-se de várias ramificações científicas e a abordagem teórica elegida se solidifica a partir do objeto a ser analisado. Já atestava Saussure (1991, p. 15), acerca do assunto, que “o ponto de vista é que constrói o objeto”. Partindo desse pressuposto, a Linguística se estabelece como ciência

¹ Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera. Universidade Estadual de Londrina – UEL.

que se ocupa da linguagem humana nas suas diversas possibilidades que envolvem fatores psíquicos, sociais e étnicos de falantes inseridos nas distintas sociedades amalgamadas num mundo criado e recriado pela linguagem ao longo das eras.

Mediante o exposto, a linha escolhida versa sobre estudos dialetais, sobretudo, considerando seu eixo pluridimensional para descrever, analisar e mapear fatos linguísticos de comunidades de fronteira. Para tanto, algumas reflexões teóricas se impõem, necessariamente, a fim de situar o objeto de análise.

Em meio às ciências estudiosas da língua(gem), situa-se a dialetologia, que investiga os dialetos, especialmente, a partir do estudo da variação nos seus múltiplos âmbitos: lexicais, semânticos, fonético-fonológicos, entre outros. Associada à ciência dialetológica encontra-se a sociolinguística, no ponto em que compactuam considerações de ordem metodológicas. Noutros termos, Cardoso (2010, p. 25) discorre:

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a **dialetologia** não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem renegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. Tal fato levaria a pensar-se numa confluência de objetivos entre a dialetologia e a sociolinguística, ambas perseguindo a variação, ambas mantendo sob controle variáveis diversas. (*grifo nosso*)

A dialetologia, assim considerada, delinea, em cada espaço geográfico que se propõe estudar, amplas características que desvendam a formação étnica e linguística subjacente aos atos de fala do sujeito socialmente constituído. Por isso, ao pesquisador cabe a tarefa de analisar modalidades dessa fala como forma de revelar as multifaces da linguagem, construídas mediante as influências de fatores extralinguísticos. Nesse particular, como amostra dessa realidade, apontamos o caso de contato das línguas espanhola e guarani sobre a língua portuguesa falada na fronteira. A título de exemplo, certas designações garimpadas nesse falar reforçam a afirmativa, como em *lima poã* (tangerina), *terreno parello* (terreno plano) e *rueda de hesa'yju* (círculo da lua). Nota-se o contato dos três idiomas refletido nas palavras elencadas.

De modo intrínseco, ligada à Dialetologia figura a Geolinguística, consideradas duas faces da mesma moeda, esta método daquela, enquanto ferramenta que materializa a aplicação dialetal. A geolinguística, portanto, encarrega-se de *fotografar* a trajetória das palavras,² cujo produto final converge-se em atlas linguístico. Assim, o conjunto de mapas e/ou cartas demarca territórios linguísticos (variável diatópica), além de traçar características sociais (variável diastrática) e étnicas, traçam também influências extralinguísticas depreendidas no falar do informante.

Acerca do assunto, Pop (1950, p. X) assim se expressa:

Or, les cartes dialectales doivent avoir pour le linguiste qui désire connaître l'évolution du langage au moins la même importance qu'ont les cartes physiques pour le géographe

² Em sentido amplo, pois não é minha intenção, neste trabalho, discutir o conceito de palavra já que sua conceituação gera calorosas discussões entre os linguistas.

qui examine la configuration du sol. Seules les cartes linguistiques peuvent montrer la complexité des faits du langage libre de toute convention, ainsi que la dernière phase du développement plusieurs fois séculaire des parles locaux.³

Partindo desse ponto de vista, uma carta dialetal revela, na mesma medida em que uma carta física, inserida na geografia, configura determinado solo, o terreno da oralidade geograficamente delimitado. Para tanto, considera-se, neste trabalho, a realidade linguística e cultural de regiões fronteiriças, a partir da situação de contato de línguas que se mesclam ao longo da fronteira Brasil/ Paraguai. Objetivo, ainda, tratar aspectos da metodologia que subsidiam a elaboração do Atlas Linguístico Etnográfico da Fronteira Brasil/Paraguai (ALiFBP) e de algumas preliminares que revelam o andamento da pesquisa.

A partir do que foi apresentado, farei um breve histórico da motivação que contribuiu para o nascimento do projeto Atlas da Fronteira Brasil/Paraguai.

Nuances históricas: o nascimento do atlas linguístico da fronteira

A retrospectiva histórica aqui delineada objetiva revelar a trajetória que acabou por fazer nascer o Projeto Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai, para tanto, a exposição de fatos que ajudaram a construir o caminho percorrido são essenciais. No curso de graduação, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, envolvida com a iniciação científica (UFMS/PIBIC/CnPq),⁴ iniciei investigações dialetais voltadas para o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (AIMS)⁵ e, por meio dele, surgiram os primeiros contatos com a pesquisa de campo em regiões de fronteira. Essa experiência denotou a relevância de estudos que envolvem a língua falada, particularmente, o construir um atlas linguístico que contribuísse para o avanço de investigações voltadas para a Língua Portuguesa.

Em 2004, já cursando o mestrado em Letras, na mesma universidade (UFMS/CPTL), passei a integrar, oficialmente, a equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), idealizado por Nascentes, em 1952, cujo intuito é a construção de um atlas nacional.

Entre as atividades desenvolvidas como inquiridora do ALiB, coube-me, novamente, o contato com pesquisas *in loco* em faixas de fronteiras. Momento em que, influenciada por essas experiências, acabei por participar do avanço dos estudos dialetais sul-matogrossenses e elaborar o Atlas Linguístico do município de Ponta Porã/MS (REIS, 2006), caracterizado como atlas de pequeno domínio. Na impossibilidade de desenvolver no mestrado estudos mais pontuais acerca da fronteira Brasil/Paraguai, adiei o intento para um período mais longo de curso, o doutorado. Alguns anos depois, a proposta tomou forma quando ingressei no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Estadual de Londrina, UEL, área Estudos da Linguagem.

3 No original: “Ora, as cartas dialetais são para o linguista que deseja conhecer a evolução da linguagem na mesma proporção que têm às cartas físicas para a geografia que examina a configuração do solo. Somente as cartas linguísticas podem mostrar a complexidade dos fatos da linguagem livre de toda convenção, assim como, a última fase do desenvolvimento de vários séculos do falar local.”

4 Trabalho orientado pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo sob forma de monografia e artigo publicado. Cf. referências Reis (2004).

5 O Projeto Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Dercir de Oliveira, encontra-se concluído e publicado desde 2007.

Além do interesse pelo estudo do vocabulário de fronteira, soma-se a isso o fato de o Brasil possuir elevada diversidade regional, dadas as suas condições de povoamento, os aspectos de colonização e as misturas de raças dentro do seu território. Esses fatores se mesclam e acentuam as diferenças culturais e linguísticas distribuídas pelo país, por isso existem vários exemplos de contatos de línguas e influências de sotaque não apenas ao longo de suas fronteiras, como também em áreas dialetais dentro do próprio território nacional.

A diversidade do falar brasileiro alcança todas as suas regiões, de acordo com a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953), revisitada e alterada por dialetólogos contemporâneos. Essas diferenças dialetais e as marcas de contato linguístico que subjazem aos falares brasileiros sobressaem nitidamente no vocabulário e na fonética. Fato que suscita análises mais pontuais na língua portuguesa falada no Brasil. Ancorada nesse princípio, justifico ainda o interesse pelo estudo dos falares da faixa fronteira em pauta, pois as palavras, assim como as pessoas, *migram*, sutilmente, de uma cultura para outra se inserindo em comunidades variadas. Fato comprovado na análise dos hábitos e da cultura paraguaia entrelaçadas no cotidiano dos habitantes das regiões situadas no lado brasileiro da fronteira (REIS, 2006).

A fronteira: um esboço histórico e geográfico

O Brasil, país com características continentais, tem suas divisas territoriais com diversos países de fala hispânica, entre tantos, cite-se a República do Paraguai. Ao longo dessa fronteira situam-se as chamadas cidades gêmeas, ou seja, municípios brasileiros que mantêm fronteira direta⁶ com municípios paraguaios, seguindo a linha internacional que divide os dois territórios.

No passado, fatos históricos registram a fronteira em pauta como palco de disputas territoriais desencadeando, com isso, a chamada Guerra da Tríplice Aliança,⁷ episódio bélico que marcou o Brasil e a República do Paraguai com intenso derramamento de sangue humano. As marcas da guerra podem ser visualizadas até os nossos dias, já que monumentos, placas e registros de nomes dos que teceram essa história são encontrados em terras brasileiras e paraguaias.

Os fatos registrados nos documentos e na memória de brasileiros e paraguaios contribuíram para ajudar a construir a identidade nacional de cada um dos países citados. Com a conclusão dos inquéritos aplicados nas cidades gêmeas, alguns trechos das gravações relevam que esses fatos históricos impressionam brasileiros natos e brasileiros com ascendência paraguaia, posto que essa realidade é mencionada nas narrativas e causos contados pelos entrevistados. Nesse contexto, apesar dos conflitos do passado, trocas linguísticas, culturais e étnicas são perceptíveis na zona de fronteira até mesmo por não estudiosos da linguagem.

6 Entende-se, neste trabalho, como fronteira direta aquela em que se transita facilmente de um território para outro, mesmo que haja acidentes geográficos entre eles, como rios, por exemplo.

7 Cf. Doratioto (2002).

A rede de pontos da fronteira Brasil/Paraguai

Objetivando alcançar o proposto no projeto de pesquisa, a rede de pontos do Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai compõe-se de dez (10) localidades. A Figura 1 permite visualizar, geograficamente, a zona de fronteira objeto deste estudo.

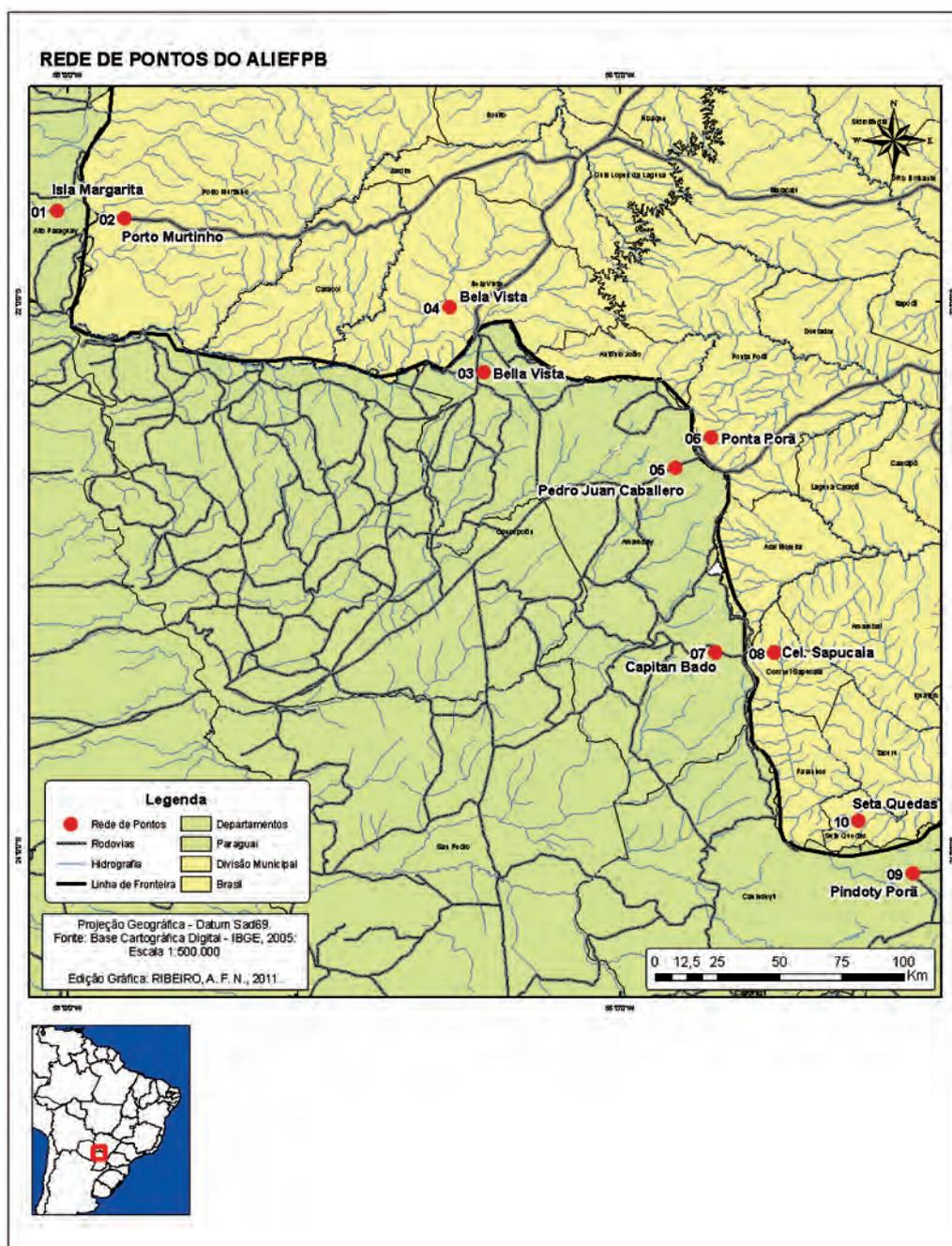


Figura 1 – As cidades gêmeas fronteiriças (REIS, 2012⁸)

É perceptível, na visualização da Figura 1, que a maior parte do território do estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, faz divisa com a República do Paraguai, pois

8 A figura compõe o acervo de tese em andamento intitulada: *Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai: em busca das inter-influências das línguas em contato* (CAPES/UEL).

são mais de 500 km de linha internacional entre os dois países. Desse contato, decorrem interinfluências não só linguísticas como também etnoculturais.

Daí, mais uma vez, se justifica o particular interesse pelos falares da faixa fronteiriça, pois a linguagem tem o poder criador que *viaja* de uma localidade para outra, infiltrando-se, sutilmente, em culturas e em sociedades diversas, como já citado, o caso da influência cultural paraguaia no cotidiano dos habitantes das regiões brasileiras investigadas. A recíproca também é verdadeira.

Metodologia: aspectos fundamentais

Com vistas a perseguir o proposto e verificar, *in loco*, as trocas linguísticas e culturais que se misturam ao falar dos brasileiros que residem na faixa de fronteira aqui investigada, selecionamos pontos de inquéritos nas cidades gêmeas brasileiras e paraguaias. Isso posto, nosso objetivo primordial foi estabelecer linhas isoglossas entre os dois territórios, contribuindo para o registro das línguas em contato, em forma de um atlas linguístico de fronteira, como o produto final dessa pesquisa dialetal.

Perseguindo esse objetivo, procuramos demonstrar por meio de cartas linguísticas, observando o modelo de Thun et al. (2000), o movimento das interinfluências para alguns empréstimos linguísticos e/ou culturais que migraram do Paraguai para o Brasil ou vice-versa. Neste trabalho, a fundamentação teórico-metodológica se baseia nos parâmetros pluridimensionais que formam a Dialectologia moderna, nos seus eixos horizontal/vertical. Para tanto, o estudo pauta-se, ainda, em modelos internacionais como o Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU) e o Atlas Guarani Românico (ALR). Intentamos, pois, apresentar preliminares da tese em andamento voltada para os contatos linguísticos na fronteira Brasil/Paraguai.

A Rede de Pontos

Os dados visualizados no Quadro1 revelam o perfil da rede de pontos. Assim, a primeira coluna contempla o número dos pontos da seguinte forma: os municípios paraguaios são identificados pelo símbolo (P), constituídos de números ímpares, já os municípios brasileiros, identificados com o (B), aparecem sempre em números pares. A segunda coluna traz o nome dos municípios paraguaios, a terceira, os nomes dos municípios brasileiros e a quarta, a respectiva localização em relação ao centro da linha internacional. Como se segue:

Quadro 1 - Perfil da Rede de Pontos

Número do Ponto	Localidade Paraguaia	Localidade Brasileira	Localização ⁹
1 (P); 2 (B)	Isla Margarita	Porto Murtinho	Norte/Oeste de MS
3 (P); 4 (B)	Bella Vista do Norte	Bela Vista	Norte/Oeste de MS
5 (P); 6 (B)	Pedro Juan Caballero	Ponta Porã	Centro/Sul/Oeste de MS
7 (P); 8 (B)	Capitan Bado	Coronel Sapucaia	Sul/ Oeste de MS
9 (P); 10 (B)	Pindoti Porã	Sete Quedas	Sul/ Oeste de MS

⁹ Para situar a localização geográfica da rede de pontos do ALEFBP, tomei por base o território sul-mato-grossense no seu lado oeste/norte/sul.

Quanto às questões de ordem geográfica, as localidades investigadas nesta pesquisa estendem-se por 489 km, desde os primeiros pontos, Isla Margarita (Paraguai)/Porto Murtinho (Brasil), ao norte, até os últimos pontos, Pindoty Porã (Paraguai)/Sete Quedas (Brasil), ao sul.

A formação do *corpus* da pesquisa e o perfil dos informantes

O *corpus* da pesquisa constitui-se de 80 inquéritos aplicados em dez localidades, cinco brasileiras e cinco paraguaias, com oito informantes por ponto, distribuídos em dois grupos distintos: no primeiro, quatro brasileiros sem ascendência paraguaia, cujos cônjuges também sejam brasileiros, em duas faixas etárias, de 18 a 30 e de 45 a 65 anos, de ambos os sexos; no segundo, quatro brasileiros, com ascendência paraguaia e/ou casados com paraguaios, também em duas faixas etárias e dois sexos. O Quadro 2 denota o perfil dos informantes: a primeira coluna contempla a divisão dos grupos e o número dos informantes; a segunda faz referência ao sexo dos entrevistados; a terceira, à escolaridade e a quarta, apresenta a faixa etária.

Quadro 2 - Perfil da Rede de Pontos

Perfil dos informantes	Sexo	Escolaridade	Faixa Etária
Grupo I - Brasileiros sem ascendência paraguaia			
01 INF.	Feminino	Máximo E. Médio	18 a 30 anos
02 INF.	Masculino	Máximo E. Médio	18 a 30 anos
03 INF.	Feminino	Máximo E. Médio	45 a 65 anos
04 INF.	Masculino	Máximo E. Médio	45 a 65 anos
Grupo II - Brasileiros com ascendência paraguaia			
05 INF.	Feminino	Máximo E. Médio	18 a 30 anos
06 INF.	Masculino	Máximo E. Médio	18 a 30 anos
07 INF.	Feminino	Máximo E. Médio	45 a 65 anos
08 INF.	Masculino	Máximo E. Médio	45 a 65 anos

Abrindo um parêntese, em relação ao perfil dos informantes, vale tecer algumas considerações essenciais: algumas das localidades que formam a rede de pontos apresentaram inúmeras dificuldades em encontrar o informante ideal para o perfil. Fato comum em regiões de fronteira, visto ser intenso o fluxo migratório, daí houve a necessidade de flexibilizar os critérios seguidos. A solução obtida, seguindo instruções da orientadora, foi a de entrevistar o informante que mais se aproximasse do perfil desejado. Fato que, por enquanto, não se mostrou prejudicial ao andamento do trabalho.

A seguir, apresento a carta experimental¹⁰ *ad hoc* I que sintetiza, visualmente, as informações explicitadas no Quadro 2, no que diz respeito ao perfil dos informantes e sua distribuição no espaço geográfico da fronteira.

¹⁰ As cartas experimentais aqui visualizadas foram digitalizadas por Luciene Freitas-Marins (UFMS).

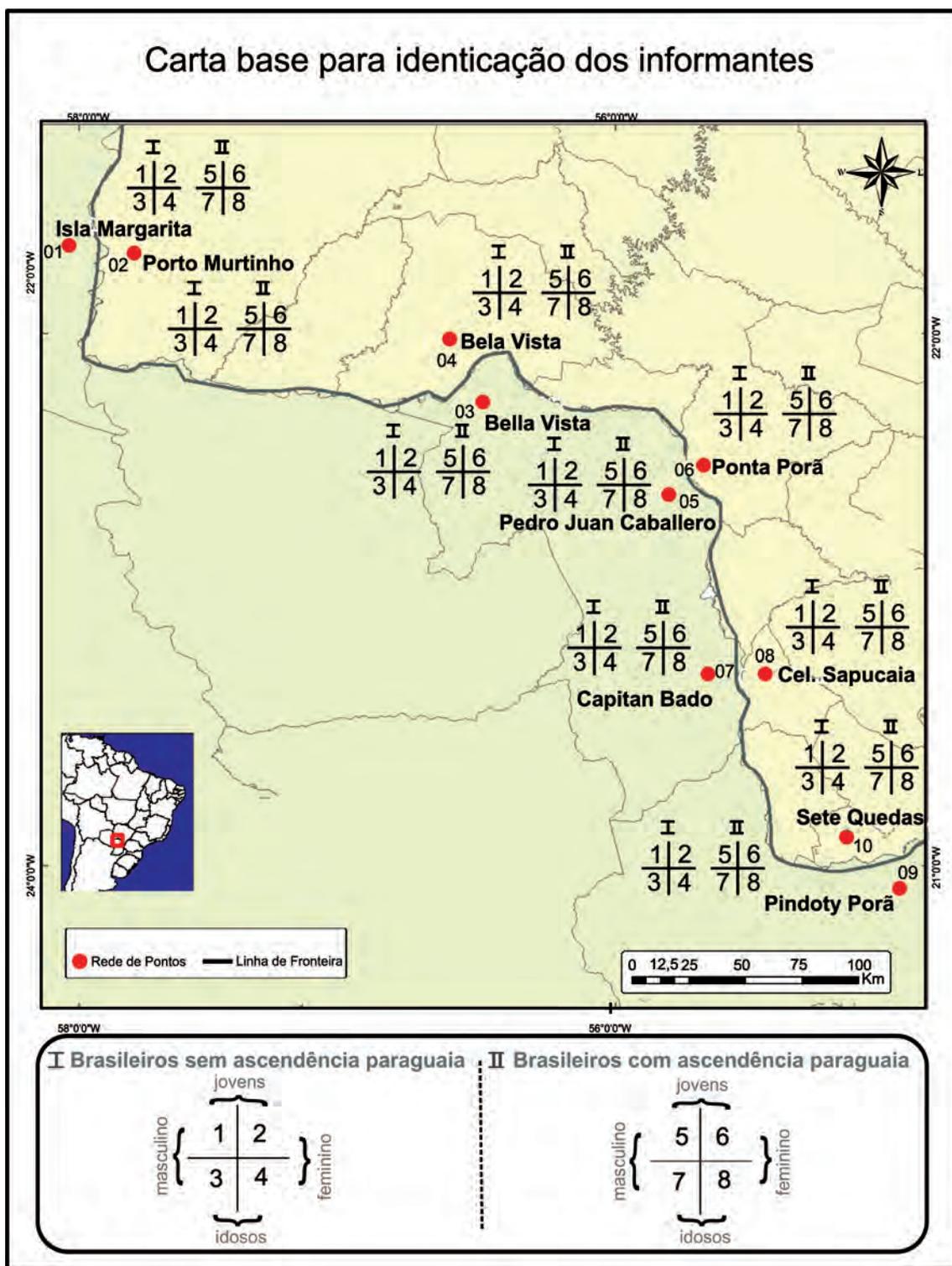


Figura 2 - Carta Experimental I – Carta base para identificação dos Informantes (REIS, 2012¹¹)

A cruz representa a distribuição de variáveis consideradas na seleção dos informantes. A janela abaixo da carta ilustra a seguinte codificação: acima da cruz estão os informantes jovens e abaixo, os idosos (variável diageracional); do lado esquerdo da cruz, encontram-se os

¹¹ A figura compõe o acervo de tese em andamento intitulada: *Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai: em busca das inter-influências das línguas em contato* (CAPES/UEL).

entrevistados masculinos e, do lado direito, os femininos (variável diasssexual). Além disso, o grupo I retém os informantes sem ascendência paraguaia e o grupo II, os de ascendência paraguaia (fator étnico) e a distribuição das cruces no espaço geográfico (variável diatópica).

O questionário linguístico

O questionário linguístico utilizado para a recolha dos dados da pesquisa em foco foi elaborado a partir de extrato do questionário semântico-lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso do Sul (ALMS), com adaptações à realidade da pesquisa. A estrutura se constitui de duas grandes áreas semânticas: a Natureza e o Homem, estas se dividem em outras subáreas. Na primeira, foram contempladas as seguintes: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, flora, fauna e, na segunda: corpo humano, doenças mais comuns, funções do corpo humano, características físicas, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, alimentação e utensílios, habitação, trabalho e atividades agropastoris, brinquedos e diversões, superstições, simpatias e lendas. Além disso, há duas narrativas pessoais, com vistas a obter a fala mais espontânea do informante.

Cumprе salientar, conforme já exposto anteriormente, que os objetivos da pesquisa centram-se em investigação dialetal realizada em localidades em que os contatos linguísticos são frequentes e, por isso, com o intuito de documentar possíveis traços bilíngues/plurilíngues fronteiriços, se apresenta ao final de cada questão a pergunta: “Conhece um nome para isso em espanhol ou em guarani?”.

O acréscimo da pergunta referenciada se dá pelo intento em verificar a existência ou não de zonas de isoglossas entre os dois territórios e descrever o movimento das interinfluências para empréstimos linguístico-culturais que migraram do Paraguai para o Brasil ou vice-versa.

A pesquisa em foco: preliminares

A fase atual da tese em andamento conta com a finalização da pesquisa de campo, com os inquiridos que formam o banco de dados do atlas 100% concluídos, além do estágio avançado de transcrição dos dados geolinguísticos que estão acontecendo seguindo as normas de transcrição fonética e grafemática do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Esta fase, se considerado o volume de dados, encontra-se avançada significativamente com cerca de 65% das gravações transcritas (algumas com aproximadamente três (03) horas de duração).

Em relação à escritura do aporte teórico desse trabalho, encontra-se na parte de elaboração dos capítulos que o compõem e a definição final do mapa-base que formará as cartas linguísticas. Para tanto, consideramos o mapa do Brasil, particularmente, no lado oeste do Estado de Mato Grosso do Sul, cuja fronteira possa ser delineada. E, também, o mapa do Paraguai, seguindo sua divisão político-territorial com terras sul-matogrossenses.

Para a confecção do mapa-base do Atlas Linguístico da Fronteira, foi necessário contratar profissional ligado à cartografia, área da geografia, já que, em se tratando de Geolinguística, seu aporte teórico não foi criado, mas recriado a partir dos pressupostos geográficos. As divergências quanto às questões metodológicas das duas áreas, cartografia,

do ponto de vista geográfico e, do ponto de vista geolinguístico, são várias, evidências sentidas pelos dialetólogos da atualidade quando tratam dessas questões.

Os próximos passos da pesquisa caminham para a conclusão dos capítulos que compõem a tese e do início da cartografia dos dados.

O banco de dados: *Agium Serch*

Vale acrescentar que, dadas às características da pesquisa, particularmente, o mapear o contato de três idiomas (português, guarani e espanhol), em dois grupos distintos (cf. perfil dos informantes) acrescidos do considerável número de inquéritos (80), todos esses fatores entrelaçados desencadearam intenso volume de dados. Para solucionar possíveis entraves futuros, em relação ao tratamento desse *corpus*, tornou-se necessário contratar os serviços de profissional ligado a área de informática, o que proporcionou o desenvolvimento de um sistema de preenchimento de dados *on-line*, com assistência técnica garantida, gerenciada pela empresa *Agiumsoft*.¹²

Dessa forma, o sistema auxiliará tanto no registro quanto no controle de dados catalogados, uma vez que, por meio dessa ferramenta, é possível realizar o cruzamento de variáveis pré-estabelecidas, considerando, no contexto dessa pesquisa, por exemplo, questões de ordem diatópica, diageracional, diafásica, dialingual, assim como, seus respectivos percentuais.

Ressalte-se, ainda, que esse sistema foi elaborado com base em informações oriundas: i) de pesquisadores do ramo da dialetologia; ii) dos questionários semântico-léxicais realizados por projetos dessa natureza e, ainda, iii) por meio de análise de tabelas de formato *Word* e *Excel* utilizadas, até então, para controlar dados geolinguísticos e dialetológicos.

Com bases nos arquivos elencados, o *Agium Serch* foi organizado de forma a gerar relatórios, segundo diferentes categorias, com seus respectivos percentuais que, por extensão, facilitam o mapeamento no ato da confecção dos mapas geolinguísticos.

As Figuras 2 e 3, relacionadas a seguir, permitem visualizar duas telas desse sistema. A primeira refere-se ao cadastro das respostas e a segunda, ao relatório de dados percentuais.

12 Cf. www.agiumsoft.com.br.

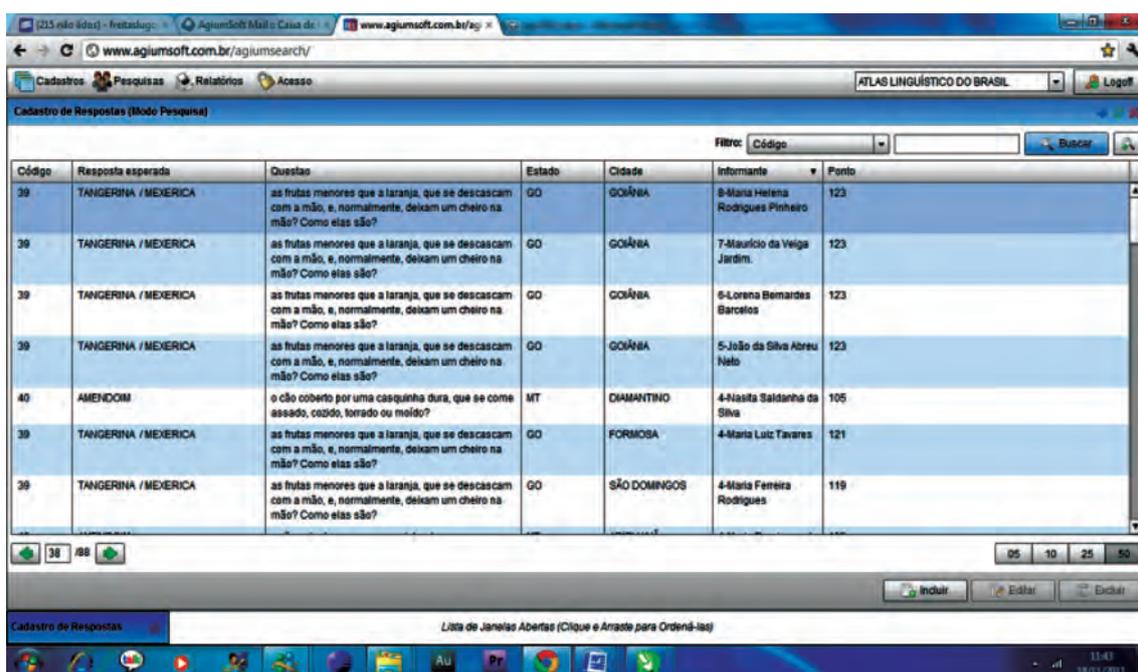


Figura 3 – Tela do sistema *Agiumserch* para cadastro de respostas

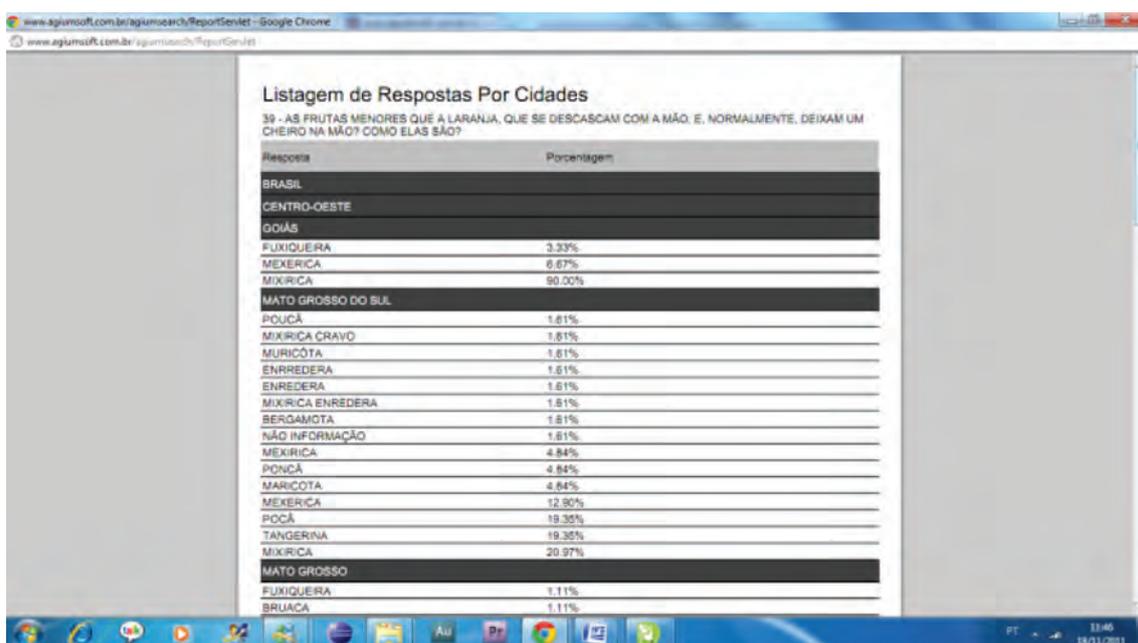


Figura 4 – Relatório percentual do sistema *Agiumserch* para a variante “tangerina” segundo a ocorrência por cidade.

A visualização das duas telas do programa *Agium Serch* referencia que, na primeira delas, os dados são elencados seguindo o questionário semântico-lexical (QSL), ou seja, cada pergunta do instrumento de coleta segue registrada no sistema, fator que desencadeia o arquivamento das variantes obtidas na formulação da questão. Já a segunda tela, aponta os dados percentuais para determinada variável registrada num dos itens do questionário linguístico, obtida(s) na (s) localidade (s) que compõe (m) a rede de pontos. Fator que

depende dos objetivos do dialetólogo, pois ficará ao seu critério o tipo de relatório a ser gerado no momento da análise de dados.

Fato é que recursos digitais, como o sistema *Agium Serch*, desencadeiam um manejo mais hábil para tratamento e análise de *corpus*, enquanto ferramenta de trabalho, neste caso, geolinguístico. Entretanto, o preenchimento do banco digital fica a cargo do pesquisador, o que não o isentará de dispender considerável parte de seu tempo em alimentar esse tipo de banco de dados.

Isto posto porque a tecnologia o auxiliará, conforme explicitado anteriormente, no sentido de o sistema gerar relatórios destes dados ou, ainda, facilitar sua organicidade, fator que promoverá maior agilidade na cartografia.

Cartografia geolinguística: dificuldades e desafios da pluridimensionalidade

À ciência dialetal, atualmente, cabe o papel de relacionar o acervo teórico de uma dialetologia tradicional com as suas ramificações mais modernas, entre estas, cite-se a dialetologia pluridimensional, a dialetologia topodinâmica e a dialectometria. Na investigação aqui proposta, detenho-me na dialetologia pluridimensional. É fato que, dentre as ciências da linguagem, são significativos os avanços teórico-metodológicos dessa disciplina, sobretudo, quando o foco parte dos estudos que constituem a geolinguística variacional, no sentido do termo grego *diálektos*.¹³ A cartografia linguística, no que se refere à inserção de parâmetros pluridimensionais, eixos verticais e horizontais, aplicada a amostra de língua falada, não configura-se como simples tarefa. Ainda assim, a investigação dessas variáveis nos eixos diatópico, diastrático e diageracional são tendências da geolinguística moderna.

No caso específico deste estudo, houve o acréscimo de mais duas variáveis como as diassexual e dialingual, somando-se às já mencionadas, com vistas a alcançar um atlas com características pluridimensionais. Pode-se afirmar, seguramente, que as dificuldades e os desafios, em termos de decisões teórico-metodológicas, estão postas diante do pesquisador.

Um desses desafios ancora-se na problemática de criar um mapa-base para a digitalização de dados geolinguísticos que permita não só uma boa visualização do território de fronteira investigado, como também, revelar fatos linguísticos que denotem a realidade de fronteira ocasionada pelos contatos das línguas ali existentes. Outro desafio centra-se no tratamento dos dados que, por vezes, é imposto pelo tipo de *corpora* levantado. Nesse particular, refiro-me ao tratamento apropriado para um *corpus* que se compõe de variantes de três idiomas distintos, além dos termos híbridos e dos de origem obscura que se encontram registrados.

Pelo exposto, conclui-se que a cartografia pluridimensional precisa ser explorada adequadamente, com vistas a divulgar as variáveis pesquisadas e, para isso, toda a cautela é necessária, caso contrário, há o risco de variáveis distintas poluírem o mapa e confundirem o leitor.

A carta experimental *ad hoc* II permite visualizar um esboço de carta linguística, elaborada a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai que denota, num primeiro momento, as decisões metodológicas tomadas em relação à cartografia. Apresento-a somente a título de exemplo:

13 Ver: Thun e Radtke (1996, p. 31 apud MOTA; CARDOSO, 2009, p. 244).

Carta I: Designações para *tangerina* registradas na Fronteira Brasil/Paraguai

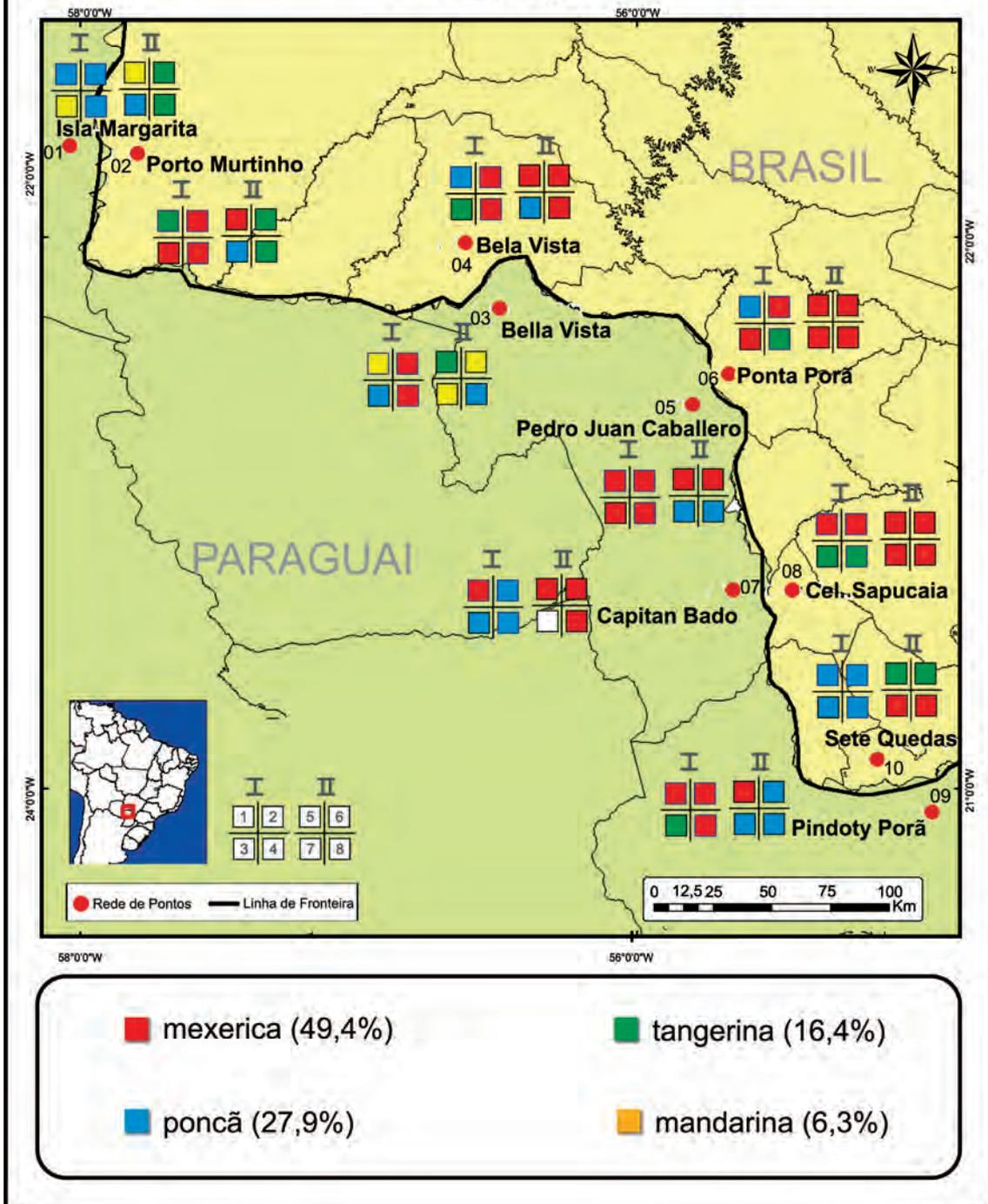


Figura 5 - Carta Experimental II – Designações para tangerina na fronteira do Brasil com o Paraguai (REIS, 2012¹⁴)

14 A figura compõe o acervo de tese em andamento intitulada: *Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai: em busca das inter-influências das línguas em contato* (CAPES/UEL).

Os modelos seguidos centram-se, como dito anteriormente, no Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU) e no Atlas Guarani Românico (ALGR), já que, *a priori*, falta um modelo brasileiro para nortear a confecção de um atlas linguístico de fronteira. Ajustes na elaboração da base estão sendo realizados, gradativamente, à medida que se vai aprofundando a análise da diversidade linguística a ser mapeada.

Considerações finais

A ciência linguística, na evolução dos seus estudos, tem comprovado, a cada investigação dialetal divulgada, que a diversidade linguística promove a constante renovação e transformação de uma língua natural. Desse modo, em consonância ao pensamento de Ferreira e Cardoso (1994, p. 12), pode-se inferir que os usuários de uma mesma língua, quer estejam separados geograficamente ou socialmente quer estejam unidos no espaço ou na sociedade, apresentarão falas diversificadas. Já que há, embutidas no complexo sistema linguístico que dominam, o emaranhado fio da variação dialetal. Considerando o exposto, justifico o interesse em tentar revelar, por meio do trabalho geolinguístico, parte dessa diversidade linguística que concede particular fisionomia à língua falada por brasileiros inseridos numa em localidades fronteiriças. O interesse em dar forma ao atlas que revelará essa gama de variações é alimentado pelo volume de dados agrupados que após o tratamento geolinguístico adequado poderá dar mostras da real face do português falado em zonas de contato com o guarani e o espanhol na divisa do Brasil com o Paraguai.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A construção de um atlas linguístico do Brasil: o percurso do ALiB. *SIGNUM: Estudos da linguagem*, Londrina, UEL, v.12 n. 1, p. 237-256, 2009.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

POP, Sever. *La dialectologie*. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques. v. 1 e 2. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux, Duculot, 1950.

REIS, Regiane Coelho Pereira. *Atlas linguístico do município de Ponta Porã, MS – AliPP: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

_____. *Vocabulário da Alimentação: um estudo léxico-semântico na linguagem falada no estado de Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS: UFMS, 2004. (Monografia de Iniciação Científica, Área de Letras)

REIS, Regiane Coelho Pereira; ISQUERDO, Aparecida Negri. *Vocabulário da Alimentação: um estudo léxico-semântico na linguagem falada no Pantanal da Nhecolândia-MS*. *Revista Científica UFMS*, Campo Grande, MS: A Universidade, v. 1. N1p. 16-24, 1999/2003.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1991.

THUN, Harald; BOLLER, Fred; HARDER, Andreas; PEEMÖLLER, Johanne. *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Tomo I e II. Kiel: Westensee-Verl, 2000.

UFMS. Questionário do Projeto Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS). Campo Grande, MS 1998.